



---

# TATHAGATAGARBHA – UMA CONTRIBUIÇÃO ÀS PESQUISAS DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA BUDISTA MAHĀYĀNA

Fernanda Marina Feitosa Coelho\*  
Patricia Guernelli Palazzo Tsai\*\*

## RESUMO

O presente artigo visa iniciar uma discussão acerca de elementos centrais à tradição budista Mahāyāna, especificamente o conceito de *tathāgatagarbha* em diálogo com a noção argumentada por Butler, de gênero enquanto performance. A noção de gênero enquanto performance traz a possibilidade de um diálogo entre a não substancialidade e a construção social do gênero. Sob a percepção budista Mahāyāna, a partir da visão Geluk, dos fenômenos como não substanciais e construídos, especialmente evidente na categoria dos Sūtras da *Prajñāpāramitā* e nas teorias presentes nos Sūtras *Tathāgatagarbha*.

**Palavras-chave:** Budismo Mahāyāna, Tathāgatagarbha, Performance de gênero, Judith Butler, Equanimidade.

---

\* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2022). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Cruzeiro do Sul (2011). E-mail: [femfcoelho@gmail.com](mailto:femfcoelho@gmail.com)

\*\* Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela PUC-Campinas, Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa, e Teologia pela UCDB.



---

## TATHĀGATAGARBHA – A CONTRIBUTION TO GENDER RESEARCH FROM A MAHĀYĀNA BUDDHIST PERSPECTIVE

### ABSTRACT

This article aims to initiate a discussion about elements that are central to the Buddhist Mahāyāna tradition, specifically the concept of *tathāgatagarbha* in dialogue with the notion argued by Butler, of gender performance. The notion of gender as performance brings the possibility of a dialogue between non-substantiality and the social construction of gender. Under the Buddhist Mahāyāna perception, from the Geluk view, of phenomena as non-substantial and constructed, especially evident in the category of the *Prajñāpāramitā Sūtras* and in the theories present in the *Tathāgatagarbha Sūtras*.

**Keywords:** Mahāyāna Buddhism, Tathāgatagarbha, Gender Performance, Judith Butler, Equanimity.

## TATHĀGATAGARBHA – UNA CONTRIBUCIÓN A LA INVESTIGACIÓN DE GÉNERO DESDE LA PERSPECTIVA BUDISTA MAHĀYĀNA

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo iniciar una discusión sobre elementos centrales de la tradición budista Mahāyāna, específicamente el concepto de *tathāgatagarbha* en diálogo con la noción argumentada por Butler, de género como performance. La noción de género como performance trae la posibilidad de un diálogo entre la no sustancialidad y la construcción social del género. Bajo la percepción budista Mahāyāna, desde la visión Geluk, los fenómenos son no sustanciales y contruidos, especialmente evidentes en la categoría de *Prajñāpāramitā Sūtras* y en las teorías presentes en los *Tathāgatagarbha Sūtras*.

**Palabras clave:** Budismo Mahāyāna, Tathāgatagarbha, Performance de género, Judith Butler, Ecuanimidad.

### INTRODUÇÃO

Falar de gênero e pesquisar isso é adentrar um campo complexo e polêmico. Infelizmente, ainda vemos o quanto discurso e ações estão separados, bem como vasta é a distância para que haja igualdade de gênero de fato nas relações sociais. O silêncio e a apatia são dois



grandes vilões que negam voz aos excluídos – seja por desigualdade social, injustiça, raça e gênero, e outras formas de marginalização – nos tempos atuais, mas esse não é um problema recente na história da humanidade.

Toda diferença dificilmente é respeitada, pelo contrário, as diferenças podem levar para diversas experiências de violência, como visto em notícias nos meios de comunicação, ainda mais em um país que tem destaque como um dos mais desiguais nas relações de gênero<sup>1</sup>, além de um dos mais violentos<sup>2</sup>.

A opção pela adoção da categoria biológica para determinar quem poderia ascender à esfera pública e quem não, ainda hoje serve para silenciar muitas pessoas<sup>3</sup>. Dentro mesmo das inúmeras vertentes religiosas existentes no mundo, há influência dessa visão errônea que prioriza um em detrimento do outro, estabelecendo distinções injustas entre homens e mulheres. Essa visão errônea é o que o *Buddha* histórico, Śākyamuni, chamava de ilusão<sup>4</sup>, que cobre a realidade como um véu.

---

<sup>1</sup> A desigualdade não aparece apenas nas oportunidades de trabalho, mas também na quantidade de horas de tarefas domésticas, bem como diferença salarial. O abismo é ainda maior quando se trata de mulheres negras e pobres. Vide: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho> (último acesso em 25/04/2024).

<sup>2</sup> O Brasil ocupa o espaço de país em que mais pessoas LGBTQIA+ são mortas no mundo: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-pelo-quarto-ano-consecutivo/> (último acesso em 25/04/2024). Além disso, com relação ao feminicídio é também alarmante, ocupando o 5º lugar no mundo: <https://ndmais.com.br/direitos/apos-15-anos-da-lei-maria-da-penha-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres/> (último acesso em 25/04/2024).

<sup>3</sup> Simone de Beauvoir postula esse pensamento fundamental da distinção e criação histórica do corpo da mulher e suas características em seu *O Segundo Sexo*. De Beauvoir busca com isso escancarar as injustiças e questionar o papel criado e estabelecido da mulher na sociedade. Com sua obra, várias pensadoras e pensadores passam a buscar adentrar a questão, e mesmo atualmente grande é sua importância, influenciando por exemplo a autora central para o diálogo deste trabalho, Judith Butler.

<sup>4</sup> Sobre a ilusão mencionada, o *Buddha* dizia que a realidade tal qual a vemos é como uma ilusão, como a imagem da lua refletida nas águas de um lago (presente no *Samādhiraja-sūtra*), e por essa razão a tentativa de definir o que é verdade de maneira imposta é uma forma de iludir a si mesmo e aos outros. É através desse pensamento (bem como de outros mais) que a tradição budista do tempo do *Buddha* questiona a existência de classes sociais divinamente impostas, e coloca as mulheres em plano de igualdade com os homens.



Diante de um cenário político e social que oscila entre instabilidade e relativa estabilidade, ainda mais quando é feita a análise<sup>5</sup> das crises ocorridas por fatores econômicos, é possível verificar que as pessoas, em seu cotidiano, passam a se agarrar mais firmemente a crenças e valores como uma tábua de salvação.

Esse agarramento extremo a princípios e valores provoca o sacrifício justificado de parcelas da população que não vivenciam os mesmos valores sociais, religiosos, sexuais, econômicos e outros. As minorias passam a ser “pregadas” nas tábuas das leis morais capitalistas por meio das crenças coletivas, como afirma René Girard na analogia do bode expiatório, ao dizer “Minha única preocupação é mostrar que existe um esquema transcultural de violência coletiva e que é fácil esboçar, em grandes traços, seus contornos” (René GIRARD, 2004, p. 29).

É nesse cenário que as diferenças – dantes carregadas e suportadas pelas minorias – passam a ser fator de grande luta e repressão. A grande questão é que essas crenças e valores que promovem ampla exclusão são como castelos construídos em areia<sup>6</sup>, sólidos como manteiga em uma chapa de ferro aquecida, pois são construtos baseados em uma visão distorcida, uma ilusão.

O presente trabalho buscará trazer elementos da tradição budista Mahāyāna<sup>7</sup>, mais especificamente na categoria de textos da *Prajñāpāramitā*, como contribuição para uma desconstrução da visão errônea de superioridade de uns e inferioridade de outros, ainda mais no tocante às relações de desigualdade entre homens e mulheres, sejam eles binários ou não.

---

<sup>5</sup> Vide MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 7ª reimpressão. São Paulo: n-1 edições, 2020. SUNG, Jung Mo. *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos*. São Paulo: Paulus, 2018.

<sup>6</sup> O uso da metáfora da construção de um castelo em cima da areia vem de Je Tsongkhapa, que ao longo do *Lamrim Chenmo* usa essa imagem. Je Tsongkhapa se inspira na linhagem que chega até ele, uma vez que o *pan.d.ita* Śântideva usa dessa metáfora em seu *Bodhisattvacaryāvatāra* (2016).

<sup>7</sup> Quando falamos de Budismo, levamos em consideração uma grande divisão entre vertentes e escolas, mas que vieram a ocorrer após o falecimento do *Buddha* histórico, mais ou menos no período do reino do Imperador Aśoka, na Índia, por volta do séc. III a.C. Com isso, houve uma divisão inicial entre Sthāviravadas e Mahāsāṅghikas. Posteriormente, com as subdivisões dessas duas surgiram: de um lado Mahāyāna e de outro Theravāda. O presente trabalho versa sobre a perspectiva Mahāyāna.



## GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO

Quando falamos de gênero, é bem comum perder de vista a complexidade do conceito e do que ele busca tratar em face de polarizações e discussões conservadoras, especialmente dos setores religiosos ligados à política.

Mas para compreender o que é gênero, é necessário antes entender a divisão entre masculino e feminino, de tal maneira que o principal argumento não seja binariamente fundamentado nas distinções fisiológicas dos corpos. Butler (2018), de maneira a introduzir o tema, traz o seguinte:

A teoria feminista tem com frequência se mostrado crítica em relação a explicações naturalistas do sexo e da sexualidade que pressupõem que o sentido da existência social das mulheres pode ser derivado de algum fato de sua fisiologia. Ao distinguir entre sexo e gênero, teóricas feministas vêm questionando explicações causais que pressupõem que o sexo determina ou impõe certos significados sociais à experiência das mulheres (Judith BUTLER, 2018, p. 3-4).

Podemos, em primeiro momento, não entender as críticas dirigidas a um modelo meramente biológico de determinação sobre a sexualidade e a organização social a partir dela, atribuindo ser normal e natural a necessidade de um critério visível dessas características, a partir dos sexos biológicos<sup>8</sup> dos indivíduos. Porém, do momento em que passamos a observar mais atentamente a realidade que nos cerca, conseguimos identificar que não é fácil a tarefa de distinguir com precisão os conceitos de feminino e masculino, sem cair em uma grosseira e mal-intencionada necessidade de controlar como os corpos se expressam e são vistos socialmente.

---

<sup>8</sup> As teóricas de gênero refutam veementemente uma noção biologizante do feminino e masculino. Vide: “o uso de gênero enfatiza um sistema completo de relações que podem incluir sexo, mas que não é determinado pelo sexo ou diretamente determinante do sexo” (Joan SCOTT, 1986, p. 1057); e “Em nossa cultura cremos que ser homem ou ser mulher é “natural”, que existe uma “natureza feminina” e que existe uma “natureza masculina”; são crenças que (...) nos disciplinam socialmente a ter um gênero ou a ter outro gênero” (Marcela LAGARDE, 2008, p. 40), dentre outras.



Acerca da definição de gênero, há bibliografia e grandes nomes que merecem destaque e consideração<sup>9</sup>, porém, devido ao recorte definido, o presente trabalho focará na relação do gênero e a performance, como elaborado por Butler.

Gênero, então, não se trata de uma categoria estanque e hermética, mas sim compreende e engloba muitos aspectos, pois a realidade humana é complexa, impermanente<sup>10</sup> e se constrói justamente na relação com o outro. De forma a melhor elucidar a assertiva, Butler (2018) afirma que:

[...] o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente (Judith BUTLER, 2018, p. 3).

Gênero é algo construído, dentro de um contexto histórico e social, não podendo ser expandido para além desses marcos. Ao trazer esses elementos à discussão, Butler trata de um aspecto bastante importante a ser considerado, o de que as categorias de feminino e masculino, as definições e expectativas impostas historicamente e relacionalmente a mulheres e homens sobre como se portar, vestir, falar, enfim, como executar suas performances aos expectadores da peça teatral chamada de vida, não são de forma alguma atemporais, naturais, nem determinadas por uma vontade divina ou sobrenatural.

---

<sup>9</sup> São várias as teóricas e teóricos que trabalham as discussões sobre gênero e sua definição. Para elencar alguns: SCOTT. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*; GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*; VUOLA, Elina. *Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião*.

<sup>10</sup> Em sânscrito *anityā*; em tibetano མི་རྒྱལ་པ་ (Wyl. *mi rtag pa*); em chinês 無常 (Pinyin *wúcháng*). Impermanência é um conceito importante para analisar as tradições budistas, tanto as Theravāda quanto Mahāyāna, pois é a base para compreender a discussão sobre *pratīyasamutpāda*, ou interdependência, e *anātman*, ou ausência de um ser inerentemente existente.



Além disso, a substancialidade desse ‘eu’ é questionada e refutada, como sendo mera ilusão de algo permanente ou duradouro, mas que na realidade é impermanente<sup>11</sup>, e assim também são com valores e modelos sociais<sup>12</sup>.

O que se pretende então afirmar? Essa é uma pergunta muitas vezes formulada por falta de conhecimento ou mesmo por falta de questionamento mais profundo das teias que constituem a sociedade na qual vivemos e que são dadas como certas. Assim como a ilusão de que há um feminino e um masculino atribuídos de maneira determinada quase que como um destino do qual não se pode fugir, há outra ilusão, a de existe uma sociedade imparcial e que acolhe a todos igualmente e de que, também, protege a todos das mesmas formas.

Mulheres e homens sofrem com essas imposições. Porém, às mulheres foram impostas mais regras e sanções, com uma fiscalização implacável, visto que a elas restou a posição de inferioridade. O que nos remete ao fato de que existem mulheres que são “mais submetidas” às marginalizações que outras, ainda mais quando tratamos de mulheres negras, pobres e que não estão seguindo às imposições com relação à sexualidade.

Neste contexto, perceber as interseccionalidades<sup>13</sup> que caracterizam as diferentes minorias de gênero pode nos auxiliar a trazer à luz

---

<sup>11</sup> Impermanência é um dos quatro selos do Dharma, que são quatro importantes noções de observação de como a realidade existe – todos os fenômenos surge, duram um tempo e cessam. Isso está presente em todas as tradições budistas, começando pelo *Sūtra* das Quatro Nobres Verdades (*Dharmacakrapravartana-sūtra*). Para uma tradução em português do *Sūtra*, vide: TSAI, Plínio. *Coleção de Meditações: Sthāvirayāna e Pāramitāyāna*. Valinhos: BUDA, 2017.

<sup>12</sup> A substancialidade do eu é a ideia presente por detrás das afirmações categóricas de definir o que o outro é através de características, sem compreender que toda e qualquer pessoa pode mudar – não apenas fisicamente, mas também mental e emocionalmente. Não se trata apenas de envelhecimento, mas também de mudança de paradigmas e convicções, assim como essa visão que temos de nós mesmos muda, o mesmo ocorre com as outras pessoas, e por essa razão advogar a imutabilidade ou substancialidade do eu é algo fadado ao fracasso, mas é a ideia por detrás dos termos “tradicional” ou “valores tradicionais” propagados por setores conservadores.

<sup>13</sup> Não é possível adentrar a discussão de estruturas sociais injustas sem fazer menção às diferentes categorias de exclusão social que são discutidas por meio do conceito de interseccionalidade. Para aprofundar esse assunto, vide: CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. In: *Feminist Theory and Antiracist Politics*. The University of Chicago Legal Forum, 140, 1989.



algumas invisibilizações circunstanciais causadas por forças econômicas, culturais e sociais e que silenciosamente determinam a tônica das vidas cujas subordinações são estruturalmente naturalizadas. Em posição desfavorável, encontram-se também os homens que não seguem as regras sociais sob a perspectiva da heteronormatividade<sup>14</sup>.

Há, segundo Butler (2018), um contrato tácito social, em que os papéis e distinções claras de gênero segundo sua biologia exercem central função, uma vez que através dessa delimitação poderia haver o funcionamento normal da sociedade. Ocorre que essa delimitação de papéis, impostos e pré-determinados, é fundamentada em uma ilusão de que é possível impor às pessoas viverem assim, de maneira homogênea, quando as relações sociais, identidade e papéis são plurais.

A realidade apresentada através das regras sociais exigidas, inclusive com relação à determinação de quais pessoas podem se relacionar afetivamente, por meio do que Butler chama de “contrato heterossexual”, nada mais é do que um contrato social imposto às pessoas, com *status* de ordem natural ou divina, que as proíbe de expressar ou externar suas diferenças do padrão, sob pena de punições diversas, a depender do contexto geopolítico, que podem variar desde olhares desaprovadores, perturbações por reprimenda por setores sociais, ou dependendo do país tortura ou pena de morte<sup>15</sup>.

Butler (2018) traz ainda a questão do gênero enquanto performance, ou seja, o gênero não é uma substância, mas é percebido através da atuação ou performance das pessoas:

Se a “realidade” do gênero é constituída pela própria performance, não se pode apelar para um “sexo” ou “gênero” essencial e não realizado que as performances de gênero supostamente expressariam. Assim, o gênero de uma travesti é tão plenamente real quanto o de qualquer pessoa cuja performance atenda às expectativas sociais.

<sup>14</sup> Heteronormatividade, segundo Cathy Cohen (1997, p. 440), trataria de práticas e instituições que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e relações heterossexuais como naturais e fundamentais dentro da sociedade.

<sup>15</sup> Em alguns países africanos e outros no Oriente Médio há pena de morte, em outros apesar de não ocorrer a morte por lei, há indiretamente, através de campos de concentração e grupos de extermínio: <https://br.noticias.yahoo.com/pena-morte-e-tortura-leis-030000857.html> (último acesso em 20/07/2024).





---

Dizer que a realidade de gênero é performativa significa, de maneira muito simples, que ela só é real na medida em que é performada (Judith BUTLER, 2018, p. 12).

Se compreendermos gênero como performance, a realidade se torna ainda mais fluida e impermanente do que gostariam os substancialistas<sup>16</sup>, e as possibilidades se tornam ainda maiores em termos de expressões e atuações femininas e masculinas.

Butler põe em descrédito a ideia de que o gênero é algo que é trazido desde o berço, e que “sempre foi assim e assim sempre o será”, sendo essa contribuição muito importante para compreender a natureza humana e as limitações das tentativas de definir algum comportamento como masculino ou feminino. Há nuances, há interdependência entre esses elementos e isso traz aproximação para um diálogo com a tradição Mahāyāna, ainda mais considerando os textos canônicos, categoria dos Sūtras, especialmente com relação aos textos da *Prajñāpāramitā*.<sup>17</sup>

Gênero, ainda mais na perspectiva trazido por Butler (2018), visa trazer elementos à discussão para que os erros do passado, que envolvem a dominação e/ou ausência de direitos, discriminações, abusos, repressão e morte possam ser corrigidos, de maneira que seja possível a verdadeira redução das desigualdades a partir desta conscientização. Gênero, então, é discutir a humanidade presente em todas e todos, de tal maneira que todas as diferentes performances ou expressões

---

<sup>16</sup> A ideia de utilizar a noção de substância como algo imutável e em si mesma, ou inerentemente existente (não envolve causalidade) está presente no discurso de fundamentalistas e mesmo de filósofos substancialistas. Se uma substância é existente por si e em si mesma e imutável, não pode ter relações, e segue-se logicamente que não estando em relações não está dentro da realidade que é impermanente e interdependente. Essa linha de raciocínio está presente em toda a tradição budista indiana e as que surgiram a partir dela, com base no Sūtra das Quatro Nobres Verdades e na categoria de textos da *Prajñāpāramitā*.

<sup>17</sup> Dentro da estrutura da tradição budista, há a divisão dos ensinamentos em três ramos ou cestos (*Tripitaka* em sânscrito, sendo *pit.aka* o termo para cestos): *Vinaya*, ou textos que versam sobre a ética-normativa, *Sūtra*, que são os Sermões e, *Abhidharma*, textos que versam sobre a epistemologia, chamados também de Teoria da Realidade. Dentro do cesto dos Sermões, ou Sūtras, há a categoria de textos chamadas de *Prajñāpāramitā*, ou textos que versam sobre a Perfeição de Conhecimento Analítico, que foi traduzida de maneira não completamente correta como Sabedoria.



possam ser visibilizadas e ouvidas – e não silenciadas –, dando abertura para mudanças sociais.

## **EQUANIMIDADE, *UPEKṢĀ*, COMO CHAVE PARA LEITURA SOCIAL**

Dentro da tradição budista Mahāyāna, a igualdade de todos os seres sencientes é fundamental para que exista a intenção altruísta de gerar a *bodhicitta*. Antes de explicar o que é a igualdade e como ela é alcançada dentro do desenvolvimento ético-filosófico da tradição, é importante explicar o que é um ser senciente e o que é a *bodhicitta*.

Um ser senciente é algo que vai além da discussão entre seres humanos, mas compreende todas as formas de vida senciente. E o que seria senciência? A senciência<sup>18</sup> é caracterizada pela existência e funcionamento dos cinco agregados. Os cinco agregados, *pañcaskandha*, são forma física, *rūpa*, formações, *sam.skāra*, ideação, *sam.jñā*, sensações, *vedanā*, e consciência, *vijñāna* (Plínio TSAI, 2018). Dos cinco, quatro são agregados relacionados à mente e um relacionado à forma física.

Então, todo e qualquer ser dotado de senciência é objeto de reflexão e consideração pela tradição budista, o que leva a uma compreensão de interdependência muito mais significativa. Isso por sua vez, leva ao compromisso de buscar realizar o completo despertar não apenas para si próprio, mas para todos os seres sencientes. Esse é o compromisso da *bodhicitta*, ou seja, o desejo aspirativo pelo completo despertar.

Esse considerar todos os seres sencientes e inclusão de si mesmo em um mesmo plano, sem distinção – sem superioridade e inferioridade, é muitas vezes pensado como igualdade, porém a igualdade como conceito dentro do âmbito filosófico-jurídico<sup>19</sup> tem possibilidades de

<sup>18</sup> A senciência é estudada dentro do cesto do *Abhidharma*, ou Teoria da Realidade e, por essa razão, é fundamental a compreensão a partir dos cinco agregados, como explicado. Além desse cesto, a categoria de textos da *Prajñāpāramitā* também trata sobre a percepção dos agregados, uma vez que esses textos conversam diretamente com o que é estudado na Teoria da Realidade.

<sup>19</sup> Há bastante discussão sobre igualdade e quais as formas de entender esse conceito, em especial na área jurídica, sendo analisado o exemplo da régua de Lesbos para refletir sobre os critérios de igualdade. De forma geral, igualdade pode ser entendida de uma forma literal, de colocar todos no mesmo plano de igualdade, sem considerar os desníveis pelo poder, classe, raça e gênero. Mas também há outras formas de pensar a igualdade, como o princípio jurídico da isonomia em que se trata de forma igual os iguais e os desiguais na medida de sua desigualdade, como influência direta de Aristóteles.



sentido variadas, por essa razão o termo mais adequado para tratar *upekṣā* nos parâmetros budistas é equanimidade.

Equanimidade é trazida em conjunto com outros elementos para que seja possível alcançar à *bodhicitta*, “interseccionalmente”<sup>20</sup> com *karunā*, compaixão, *maitrī*, amor-bondade e *muditā*, regozijo<sup>21</sup>. Entretanto, o desenvolvimento desses elementos não é feito de maneira isolada e compartimentada. Esses quatro elementos em conjunto, ou seja, de maneira interdependente é que possibilitam chegar no resultado pretendido. Por essa razão, tratar isoladamente da equanimidade neste trabalho, busca apenas trazer um referencial de análise da tradição budista como contribuição.

Equanimidade pressupõe remover todos os rótulos que são atribuídos aos outros e a nós mesmos, e enxergar todos – humanos ou não – como seres que querem sair dos sofrimentos e desejam a felicidade. Pressupõe despir os preconceitos, julgamentos, valores que conflitam com uma visão interdependente e a partir do enxergar essas distorções, de exercitar a destruição dos erros e distorções, não apenas por uma perspectiva conceitual, mas também pela aplicação e prática na vida cotidiana.

A ideia de não substancialidade pode ser percebida nas noções de performance e de uma construção do gênero, como desenvolvido por Butler (2018). Essa relação tem comunicação com equanimidade. A equanimidade pode ser um elemento para avaliar se determinadas regras, valores e pensamentos estão considerando o bem-estar e felicidade de pessoas que são excluídas pelo sistema imposto. Ela também é compatível com o processo de empatia, que é necessário para o surgimento de modificações sociais mais inclusivas e respeitosas.

Com isso, a equanimidade é um elemento importante para que seja possível também entender outro conceito fundamental para o trabalho: o de *tathāgatagarbha*.

---

<sup>20</sup> Se, por um lado podemos pensar fatores de marginalização e/ou exclusão social interseccionalmente, gostaríamos aqui, de também notar que fatores de inclusão, como a equanimidade, não se somam matematicamente a outros fatores, mas ocasionam efeitos exponenciais quando associados a outros fatores de inclusão como compaixão, amor e outros.

<sup>21</sup> Sobre a análise do termo a partir do sânscrito pode ser utilizada como referência o Dicionário Princeton de Budismo (Robert BUSWELL JR.; Donald LOPEZ JR., 2014, p. 2302).



## O COMPLETO DESPERTAR É APENAS PARA OS HOMENS? A IDEIA DE TATHAGATAGARBHA COMO CONTRAPONTO

Começaremos com a pergunta: Existem *Buddhas* mulheres?

Na tradição budista Mahāyāna, o completo despertar é para ambos, homens e mulheres. Existem muitos arquétipos iconográficos do Feminino e muitos do Masculino, e todos são igualmente apreciados.

Os praticantes, ou adeptos, podem livremente se identificar com as iconografias femininas ou masculinas. Aliás, mosteiros podem escolher os arquétipos que serão mais praticados e estudados, sendo certo que não é incomum escolherem *Ārya Tārā*, por exemplo<sup>22</sup>.

Então, o completo despertar é para ambos, homens e mulheres, e para toda e qualquer forma senciente não limitada à humana. Isso se dá por força de um conceito fundamental da escola Yogācāra, que é o de *tathāgatagarbha*<sup>23</sup>. Em sânscrito *tathāgata* pode ser traduzido como “aquele que passou para além (do ciclo de existências de sofrimento)” e, também, é um dos títulos que tanto alunos e alunas do *Buddha* quanto pessoas de fora da tradição usavam quando se dirigiam a ele; enquanto *garbha* pode ser traduzido como útero, como potencial e embrião. Em chinês a expressão é 如来藏 (*rúláizàng*, em pinyin) que é o depósito, local em que são depositadas as sementes do despertar. É interessante notar que tanto no sânscrito quanto no mandarim, *tathāgata* e 如来 (*rúlái*) significam “aquele que passou além do *sam.sāra*”<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> Dentro de alguns mosteiros do budismo tibetano ou mesmo o budismo chinês escolhem *Ārya Tārā*, ou sua contrapartida chinesa Kuan Yin ou Duólúo Púsà como símbolo dos métodos de treinamento. Recentemente o XIV Dalai Lama recomendou a recitação das Homenagens à Tara como prática durante a pandemia de Coronavírus, reforçando a importância dessa figura feminina do Budismo: <https://tibet.net/chanting-dolma-mantra-helpful-in-containing-the-spread-of-epidemics-like-coronavirus-his-holiness-the-dalai-lama-to-chinese-devotees/> (último acesso em 25/04/2024). A prática de *Ārya Tārā* sobreviveu no Tibete, China e Japão, e tem crescido em força com o tempo.

<sup>23</sup> O conceito utilizado é de uma das escolas do Mahāyāna, e fundamentada na compreensão dos *Sūtra* ou Sermões do *Buddha*. Há debate entre as escolas e o conceito não é unanimemente aceito, por força de pormenores. Porém, a ideia do potencial de todos os seres para o despertar é base para todas as escolas Mahāyāna.

<sup>24</sup> *Sam.sāra* é o ciclo de existências aprisionadoras ou também ciclo de existências de sofrimento, de maneira resumida. Na iconografia budista é apresentado como a Roda da Existência, ou *Bhavacakra*, de acordo com o Dicionário Princeton de Budismo (Robert BUSWELL JR.; Donald LOPEZ JR., 2014, p. 1854).



Esse conceito de *tathāgatagarbha* influenciou países vizinhos, como a China, que foi a primeira a ter missionários budistas, antes do advento de Cristo, e posteriormente Tibete, Japão e Coreia. Essa influência se deu no desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao bem-estar social, inclusive com relação à igualdade entre homens e mulheres nas comunidades budistas<sup>25</sup>.

Um dos textos canônicos mais importantes para a tradição Mahāyāna é o da categoria da *Prajñāpāramitā*, em que é afirmada constantemente a não existência inerente dos fenômenos, também chamada de *śūnyatā* (Tib. ལྷོང་པ་ཉིད་). *Śūnyatā*, vazio de existência inerente e *pratītyasamutpāda* (Tib. རྟེན་འབྲེལ་), interdependência, são mutuamente dependentes, e podem ser afirmados como inseparáveis ao ponto de se tratar de um mesmo conceito<sup>26</sup>. E qual a relação entre esse texto e a igualdade?

No caso do surgimento do *Mahāyāna*, Schuster (1981) traz elementos para considerar a igualdade entre homens e mulheres dentro da comunidade, e mesmo dentro de uma sociedade com base no texto acima referido:

But there are many *Mahāyāna* scriptures which insist that only the ignorant make distinctions between the religious aspirations and intellectual and spiritual capacities of men and women. This position is the only one which is consistent with the *Mahāyāna* doctrine of the emptiness of all phenomena. This is the doctrine which lies at the heart of many *Mahāyāna* scriptures, beginning with the Perfection of Understanding *Sūtras* (*Prajñaparamitasūtras*) (Nancy SCHUSTER, 1981, p. 25).<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Sobre o tema utilizamos como referência: LOPEZ, Donald S. *Buddhism in Practice*. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p. 177 e ss.

<sup>26</sup> Je Tsongkhapa estabelece e discute ambos os conceitos como se tratando da mesma coisa em seu རྟེན་འབྲེལ་བསྟན་པ་ (Wyl. *rten 'brel bstod pa*). Vide: TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. TSAI, Plínio (Trad.). *Homenagem ao Buddha Śākyamuni pelos Ensinos da Interdependência*. Valinhos: BUDA, 2014. Além disso, Je Tsongkhapa retoma os argumentos presentes da escola *Mādhyamika Prāsaṅgika*.

<sup>27</sup> “Mas existem muitas escrituras Mahāyāna que insistem que apenas os ignorantes fazem distinções entre as aspirações religiosas e as capacidades intelectuais e espirituais de homens e mulheres. Essa posição é a única que é consistente com a doutrina Mahāyāna do vazio de todos os fenômenos. Essa é a doutrina que está no coração de muitas escrituras Mahāyāna, começando com os *Sūtras* da Perfeição de Entendimento (*Prajñāpāramitāsūtras*)”.



Como exemplo Schuster (1981) utiliza o do monge Bodhiruci , (菩提流志), que foi da Índia para a China no séc. VII d.C. e foi tradutor de inúmeros Sûtras para o chinês e teve apoio da imperatriz Wǔ Zétiān (武则天)<sup>28</sup>:

That *Mahāyāna* scriptures could be used to argue for the right of a woman to wield absolute power in one of the world's great empires reveals that some leading Buddhist scholars in China were quite aware of the positive Mahāyāna attitudes toward women. [...] Bodhiruci helped make available to Chinese readers a number of Mahāyāna scriptures which argue for the spiritual and intellectual equality of women (Nancy SCHUSTER, 1981, p. 26).<sup>29</sup>

Antes de Bodhiruci, outro monge também havia feito o mesmo em termos de defesa da igualdade de capacidades e condições entre homens e mulheres, o monge Dharmaraks.a (竺法護), entre os sécs. III e IV d.C. Dharmaraks.a foi responsável pela tradução de inúmeros sūtras de forma acessível ao povo chinês, mas mais do que traduzir textos, ele possibilitou e propagou visões favoráveis a mulheres, a partir dos referenciais Mahāyāna (Nancy SCHUSTER, 1981, p. 27).

Além disso, tanto o conceito de *tathāgatagarbha* quanto o postulado nos *Prajñāpāramitā-sūtras*, acerca da *sūnyatā*, podem servir de chaves para identificar as corrupções canônicas nos textos budistas, uma vez que são elementos existentes desde o *Buddha* histórico, que igualou mulheres e homens na comunidade budista.

Essas chaves servem para identificar e eliminar as corrupções textuais<sup>30</sup> presentes em textos da tradição Mahāyāna, que foram importadas

<sup>28</sup> Schuster afirma que outros monges possuíam visões semelhantes às de Bodhiruci, e que não era um caso isolado, ou seja, havia uma defesa da igualdade entre homens e mulheres no movimento Mahāyāna.

<sup>29</sup> Tradução: “O fato de as escrituras Mahāyāna poderem ser usadas para defender o direito de uma mulher de exercer poder absoluto em um dos grandes impérios do mundo revela que alguns dos principais estudiosos budistas da China estavam bastante conscientes das atitudes positivas dos [adeptos da tradição] Mahāyāna em relação às mulheres. [...] Bodhiruci ajudou a disponibilizar aos leitores chineses várias escrituras Mahāyāna que defendem a igualdade espiritual e intelectual das mulheres”.

<sup>30</sup> Por corrupção textual queremos dizer inclusões posteriores em textos, com o objetivo de alterar o entendimento originário, mudando uma forma de analisar a realidade e passando a inserir elementos no texto.



de outras escolas ou vertentes<sup>31</sup>, mas não servem para destruir o que existe em outras tradições budistas, não mahayanistas<sup>32</sup>.

### **É POSSÍVEL A COMUNICAÇÃO ENTRE OS DOIS REFERENCIAIS?**

Historicamente, à mulher foi imposto viver na esfera privada, no seio familiar, à sombra das figuras masculinas<sup>33</sup>. Mesmo quando aparecia na esfera pública, precisava sempre ser acompanhada ou autorizada por alguém do sexo oposto. Nos dias de hoje enquanto mulheres, e enquanto pessoas dentro de uma sociedade, ainda temos de encarar situações limitantes ou excludentes. Para agravar, ainda há outras nuances dessa exclusão, com base em cor, raça, determinação de gênero, classe social e outras, que servem para manter cada qual em seu “lugar” e assim perpetuar as visões errôneas.

Quando falamos em gênero, muitos conflitos pululam em contexto político, social e religioso. É como se barreiras construídas historicamente rapidamente fossem evocadas e reforçadas para impedir o pensar com racionalidade, mas principalmente com compaixão. Butler (2018) traz grandes contribuições para pensar o gênero, para compreender as construções e amarras construídas historicamente para cercar as diferenças e mesmo punir os que tentam viver diferentemente. Gênero enquanto performance, enquanto não substância, permite a reflexão sobre os processos de nossa vida enquanto não imutáveis, mas impermanentes.

---

<sup>31</sup> Acerca da corrupção de textos canônicos que trazem uma interpretação de inferioridade das mulheres, especialmente com relação à vida monástica feminina, ligado aos Oito Guru-Dharmas, vide Dissertação de Mestrado: França, Nirvana de Oliveira Moras Galvão de. *Gurudharmas: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes*. 2020, 159f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

<sup>32</sup> É importante compreender que há grande disputa entre adeptos das vertentes Mahāyāna e Theravada, e há alguns teóricos ocidentais que se envolvem no meio dessas celeumas, inclusive no tocante a determinar qual vertente é mais antiga ou mais “correta”. O presente trabalho não busca ampliar conflitos, mas solucionar problemas que foram inseridos dentro da tradição Mahāyāna, trazendo chaves de leitura que podem servir de contribuição para desmontar e desmascarar as corrupções, de forma que haja coerência entre os ensinamentos do *Buddha* e as comunidades hoje existentes.

<sup>33</sup> Conforme apresenta Perrot, a esfera privada era o local permitido à mulher. PERROT, Michelle. Ribeiro, Vivane (Trad.). *As mulheres ou os silêncios da história*. EDUSC, 2005, p. 39.





É através dessas características do pensamento de Butler que se faz possível o diálogo com o pensamento budista, da tradição Mahāyāna, especialmente com a ideia de interdependência presente na categoria dos *Prajñāpāramitā-sūtras*, e o conceito de *tathāgatagarbha*, ou potencial para o completo despertar, presente em todos os seres sencientes, sem distinção e sem qualquer exclusão.

Através desse diálogo entre pensamentos, tradições, torna-se possível utilizar esses referenciais budistas como elemento para interpretação em estudos de gênero, dentro da área das Ciências da Religião. E ainda, esses elementos budistas podem servir de chaves para identificação, análise e destruição das corrupções nos textos canônicos da tradição Mahāyāna.

Este trabalho visa contribuir com pontes para as pesquisas de gênero, através das lentes surgidas com o *Buddha* histórico, e que foram preservadas dentro do cânone Mahāyāna, de maneira que possam dialogar mais, não apenas com os textos budistas e autores budistas, mas também como forma de auxiliar uma nova visão de realidade, em que seja possível diminuir e desconstruir as injustiças historicamente cometidas contra mulheres e homens não normativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ཤེས་རབ་ཀྱི་མ་རྩོམ་གྱི་ཕྱིན་པའི་སྡིང་པོ་ (Wyl. *Shes rab kyi pha rol tu phyin pa'i snying po*) (BDRC W1PD96682). Vol. 34: 426–429. Beijing: *Krung go'i bod rig pa'i dpe skrun khang*, 2006–2009.

**Samādhiraja-sūtra**. ROBERTS, Peter (Trad.). Disponível em: <https://84000.co/new-84000-translation-and-reading-room-publication-the-king-of-samadhis-sutra> (último acesso em 25/04/2024).

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUSWELL JR., Robert E. LOPEZ JR., Donald S. **The Princeton Dictionary of Buddhism**. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

BUTLER, Judith. DIAS, Jamille Pinheiro (Trad.). Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de Leituras** nº 78, Chão da Feira, 2018.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. In: **Theatre Journal**, Vol. 40, No. 4: 519-531, 1988.

**CHANTING TARA MANTRA HELPFUL IN CONTAINING THE SPREAD OF EPIDEMICS LIKE CORONAVIRUS**: His Holiness the Dalai Lama to Chinese devotees. Central Tibetan





Administration, 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://tibet.net/chanting-dolma-mantra-helpful-in-containing-the-spread-of-epidemics-like-coronavirus-his-holiness-the-dalai-lama-to-chinese-devotees/> (último acesso em 25/04/2024).

COHEN, Cathy. Punks, Bulldaggers, and Welfare Queens: The Radical Potential of Queer Politics? In: **GLQ A Journal of Lesbian and Gay Studies**, 3 (4): 437-465, 1997.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. In: **Feminist Theory and Antiracist Politics**. The University of Chicago Legal Forum, 140:139-167, 1989.

FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moras Galvão de. Gurudharmas: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes. 2020, 159f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

LOPEZ, Donald S. **Buddhism in Practice**. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

PERROT, Michelle. RIBEIRO, Viviane (Trad.). **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, 2005.

ŚĀNTIDEVA, Mahāpaṇḍita. **Bodhisattvacaryāvatāra**. Texto em sânscrito: <http://www.bodhisvara.com/?cat=4> (último acesso em 25/04/2024).

ŚĀNTIDEVA, Mahāpaṇḍita. TSAI, Plínio Marcos (Trad.). **Bodhisattvacaryāvatāra**. Valinhos: BUDA, 2016.

SCHUSTER, Nancy. Changing the Female Body. In: **Journal of the International Association of Buddhist Studies** 4, no. 1, 1981.

TSAI, Plínio Marcos. **Comentário ao Tratado Tesouro da Realidade Inefável de Vasubandhu**. Valinhos: ATG, 2018.

TSAI, Plínio. **Coleção de Meditações: Stavirayana e Paramitayana**. Valinhos: BUDA, 2017.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. TSAI, Plínio (Trad.). **Homenagem ao Buddha Śākyamuni pelos Ensinos da Interdependência**. Valinhos: BUDA, 2014.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. JINPA, Thupten (Trad.). **Illuminating the Intent**. Somerville: Wisdom Publications, 2021.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. ལྷོན་འབྲེལ་བསྟོན་པ།. Disponível em: <https://library.bdrc.io/show/bdr:WA1GS108076?tabs=bdr:MW1GS108076,bdr:W1GS108076> (último acesso em 25/04/2024).

Submetido em: 3/4/2024

Aceito em: 13/5/2024